

FEIRA DO LIVRO DA CAOC ACUSADA DE SUBVERSÃO

PÁGINA 4

MEDICINA
PREVENTIVA.
QUE ESTAMOS
FAZENDO?

PÁGINA 5



MUD DENUNCIA:
ESPECULAÇÃO NAS FAVELAS

PÁGINA 5



ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ
NÚMERO 111 — OUTUBRO DE 1964 — ANO 29

CAOC PRESTA CONTAS

PÁGINA 2

MANIFESTO DA DCE
MANIFESTO DA UEE

PÁGINA 2

CULTURAL

PÁGINA 7

AO INESQUECÍVEL...

Albino, meu velho,
que importa o mistério
das lendas do império
que deixa prá trás?

É o império da mente
de todos que o viram
e sempre sorriram...
agora... não mais.

Que importa se a vida,
é a esfera perdida
na lei definida
do eterno, da paz?

Albino, meu velho,
o "Club" que adora
se assim, vai embora,
vazio vai ficar.

Seu ar descontente,
gozado, mas quente,
vai deixar na gente
saudades a chorar:

Cachimbo de lado,
num banco sentado —
a imagem presente
do velho do mar.

Albino, meu velho,
não vai a torcida,
animar a partida
prá gente ganhar?

Recorda dos "tempos"
felizes de outrora,
da MED na aurora
ou lá de além-mar?

Já vão muitos anos,
até lusitanos,
que às vezes contava
contente a chorar.

Albino, meu velho,
Albino, e agora?
seu corpo foi embora,
Albino, onde está?

Estranho é senti-lo
tão mais pequenino,
ouvindo de um sino
solfejos no ar.

Com anjos sorrindo,
bem longe, sumindo
e olhando prá trás,
divisa a bandeira,
no centro a caveira
"Adeus, meus rapazes!"
Albino, meu velho,
que durma em paz.

GEORGINO

EDITORIAL

"O Bisturi" reaparece. Suas páginas estão abertas a qualquer colega. É nosso ideal tornar esse jornal dos alunos da Faculdade de Medicina da USP instrumento de diálogo entre defensores dos mais diferentes pontos de vista. Se as teses aqui publicadas possibilitarem comentários, troca de idéias, uma grande parte de nosso esforço estará compensada.

Vivemos hoje momentos dos mais importantes de nossa Pátria. Num país em estado de desenvolvimento compatível com a dignidade humana, não se esperaria tanto de jovens universitários. Porém, num país como o nosso, onde já é chavão dizer que ser universitário é ser privilegiado, nossa missão não se esgota nos conhecimentos técnicos e científicos de nossa profissão. O desafio que se coloca para nossa geração é bem maior. Imensas tarefas sociais aguardam os profissionais de nível universitário. A profissão não poderá se tornar apenas instrumento de "ganhar a vida". Os horizontes da problemática brasileira se oferecem à nossa geração: tranquilamente podemos recusar a vê-los; também tranquilamente os problemas passarão a outras gerações. Responder ou não aos desafios econômicos, sociais e humanos da nossa Pátria consistirá a grandeza ou a falência de nossa geração. Teremos que sair da escola profissionais honestos e capazes. Mas não podemos ficar aí. Se não assumirmos a parcela de responsabilidade que nos cabe na solução dos complexos problemas brasileiros, pouca consequência terão nossos esforços profissionais na vida da imensa maioria do povo desta terra.

O que empobrece um espírito é o indiferentismo diante dos problemas da vida. Se em cada momento não respondermos às solicitações do nosso ambiente, não estamos correspondendo à nossa vocação de Homens. Na medida em que nos omitimos de participar da solução de problemas que se nos apresentam passamos a nos tornar indignos de uma comunidade humana. E a sociedade brasileira hoje se defronta com inúmeros problemas. E a minoria de sua população, que é universitária não pode se esquivar de sua responsabilidade social...

CAOC PRESTA CONTAS

EDUARDO MANZANO

Há um ano atrás, quando reolvemos formar uma chapa para disputar a diretoria do CAOC, fizemos um programa de trabalho, que foi divulgado entre os colegas. Fazendo agora uma revisão do que tem sido o CAOC em 1964, verificamos que alguns pontos do programa foram realizados além de nossas expectativas e outros aquém, mas de maneira geral, na medida do possível os trabalhos têm se desenvolvido relativamente bem, ainda mais se levarmos em conta o acréscimo de tarefas providas da atual situação política nacional.

No primeiro semestre as reformas de nossa sede tomaram vulto e foram a nossa maior preocupação. Isso não quer dizer que os departamentos tenham deixado de funcionar. O Departamento de Medicina Preventiva, além de supervisionar as Ligas Assistenciais do Centro, realizou sérios estudos, com a acessoria de professores assistentes, sobre o programa de Medicina Preventiva para o curso de nossa Faculdade. O trabalho em favela também adquiriu novas perspectivas, havendo grande interesse dos alunos, principalmente dos calouros pelo MUD e seu Centro de Saúde na Favela do Tatuapé. Também o Departamento Social esteve em plena atividade, realizando com grande sucesso a "Noite de Maio", os "Squelétos" e os "Shows de Integração", promovendo o conagração dos alunos não só de nossa Faculdade mas de outras também. Da mesma forma, funcionaram bem o Departamento Beneficente, a Farmácia, o Cine-foto, a Cooperativa, o Departamento de Publicações e outros.

Neste semestre, estando praticamente terminadas as reformas de nossa sede, estamos empenhados em intensificar as atividades de todos os departamentos; assim é que estão sendo realizadas reuniões de todos os departamentos, uma vez por mês, a fim de se conseguir um entrosamento de suas atividades. O Departamento Cultural já fez sua programação para o semestre, parte dela já

realizada, como a Feira de Livros, a Noite de Shakespeare e algumas conferências.

Quanto à representação, tanto interna como externa também definimos nossa orientação no programa já citado. Nele afirmamos que a tomada de consciência de um maior número de alunos e por conseguinte uma representação mais significativa haveria de sanar algumas das falhas existentes no Movimento Universitário. Porém com o movimento de 31 de março as atividades estudantis começaram a ser atacadas indiscriminadamente, sem que fosse verificado o que havia de bom nelas e sem que se reconhecessem os objetivos idealistas da grande maioria dos estudantes. O Centro passou então por uma fase sem uma orientação nas suas atividades. Posteriormente, com o evoluir dos acontecimentos sentimos, que a nossa participação continuava sendo solicitada e assim o Centro de Debates, o Bisturi e as entidades estudantis voltaram às suas atividades. O Centro de Debates já apresentou a conferência do Professor Paulo Duarte e a do Professor Alípio Corrêa Neto, estando programada uma Mesa Redonda sobre Medicina Preventiva, com a participação dos Professores: Meira, Leser, Mascarenhas, Pedro de Alcantara, Decourt e Alípio. Será ainda apresentada uma conferência pelo Dr. Alceu Amoroso Lima e outra pelo Professor Ulhoa Cintra.

Notamos, entretanto, que a grande maioria dos alunos ainda não participam de todas as atividades do CAOC. Alguns departamentos funcionam pela dedicação de um único ou de poucos indivíduos e pequeno é o número de alunos que comparecem à programação dos departamentos.

Concluindo, verificamos que atualmente o Centro possui uma sede bem instalada, os departamentos funcionando, mas sentimos que ainda falta alguma coisa para que se constitua uma comunidade universitária com a INTEGRAÇÃO de todos os alunos com objetivos comuns.

MANIFESTO DO DCE

"Os alunos da Universidade de São Paulo, representados pelo Conselho de Representantes de seu DCE, vêm a público manifestar sua perplexidade diante da injustificada ingerência policial-militar nesta Universidade, processo de repressão à cultura que culmina com a prisão de honrados professores, tais como Florestan Fernandes (Filosofia), Isaías Raw (Medicina) e João Vilanova Artigas (Arquitetura e Urbanismo). Os estudantes da Universidade de S. Paulo declaram-se solidários com os professores detidos e aviltados por interrogatórios obscurantistas.

"Dirigem-se também às autoridades competentes, a fim de que seja posto um parapeito a esta guerra contra a cultura e proclamam à classe universitária a que se mantenha unida em torno de uma Universidade autônoma, livre de ingerências extra-culturais".

Dos componentes do Conselho de Representantes somente deixaram de comparecer os delegados das Escolas de Enfermagem de São Paulo e Ribeirão Preto, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, e da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

MANIFESTO DA UEE

A Congregação de Alunos do CAOC, em reunião realizada no dia 17 de setembro, após a leitura do manifesto abaixo citado, decidiu hipotecar inteira solidariedade à atual Diretoria da UEE.

Eis a íntegra do manifesto:

"Em vista dos acontecimentos ocorridos na manhã do dia 30 de agosto a diretoria provisória da UEE vem a público no sentido de esclarecer o acontecido.

"Como sabem os colegas estudantes paulistas, a atual diretoria provisória fora eleita num conselho de presidentes do Estado de S. Paulo, reunidos no dia 29 de julho na sede do Diretório Central dos Estudantes da Universidade de S. Paulo. Desde aquela data, en-

tao, a atuação da referida diretoria tem se dirigido no sentido de criar condições para a realização do Congresso Estadual que, conforme reza a Constituição dos Estudantes Paulistas, é o organismo legal capaz de eleger uma diretoria definitiva para coordenar os destinos dos CAs, paulistas.

"O Conselho de presidentes marcado para o dia 30 de agosto, a ser realizado no Grêmio Politécnico, tinha como principal finalidade a marcação de data e local para a realização do referido Congresso, além da criação de uma comissão organizadora do mesmo.

"Tudo isto já estaria sendo encaminhado se alguns estudantes extremistas, aliados a desor-

deiros especialmente contratados, não tivessem através da violência impedido que o Conselho se realizasse.

"Estes estudantes extremistas, na maioria da Universidade Mackenzie, sabem perfeitamente que em qualquer Conselho ou Congresso suas idéias serão esmagadoramente repudiadas pelo grau de consciência que caracteriza atualmente o estudante brasileiro. Assim é, que interessa a eles impedir, a qualquer custo, que a UEE se regularize e possa, então, assumir o papel de entidade coordenadora.

"A atual diretoria, no entanto, não esmorecerá diante do acontecido. Pretendemos, nos dias que se seguem, levar o problema às bases universi-

tárias paulista e, escorados naquilo que demonstrativamente elas decidirem, encaminhar o mais rápido possível a solução para o problema.

"Os colegas devem, então, aguardar uma futura convocação de um novo Conselho, cuja realização, como se pode depreender do exposto, dependerá exclusivamente da sua participação consciente como parcelas que são da UEE, uma vez que a entidade só terá condições efetivas de atuação quando superar de vez a mentalidade anti-democrática de uma minoria que argumenta com a violência ao invés de fazê-lo democraticamente, através do diálogo".

Cesar Bergstrom: Presidente da Diretoria da UEE.

"O BISTURI"

Órgão oficial do Centro Acadêmico "Osvaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da USP

REDAÇÃO:
Av. Dr. Arnaldo, 1
Tel. 5-0281 — S. Paulo

DIRETOR
RESPONSÁVEL:
José Knoplich

DIRETOR:
Pedro Luiz Tauil

EQUIPE DE REDAÇÃO:
Alvaro Duarte
Carlos A. Pereira
Carlos Cesena
Cheng Faun Yue
Paulo Leme
Pedro P. Chieffi
Rubens Bergel
Vicente A. de Araujo

A direção não se responsabiliza por artigos assinados.

MEDICINA MODERNA

RUI TOLEDO BARROS

A educação médica, tem exigido, ultimamente, novos métodos de ensino, segundo os princípios de há muito formulados em Congressos e Seminários de Escolas Médicas. Nesse sentido, ressaltamos a seguir um dos itens aprovados pela I Conferência de Faculdades Latino-Americanas de Medicina, realizada no México: „

„A educação médica tem como fundamento o pensamento científico, e como objetivo, determinar que o estudante adquira e desenvolva os conhecimentos, habilidades e consciência ética que o capacitem, como médico, a promover, preservar e restaurar a saúde, considerando o indivíduo como pessoa humana em suas condições psíquicas biológicas e sociais.

Perguntamos agora: qual tem sido a conduta entre nós, em relação à formação e à atuação profissional:

Creemos, de um modo geral, ser ainda aquela, norteadada pela concepção clássica em que a Medicina era sinônimo de Terapêutica e médico, de homem capaz de curar seus semelhantes, sendo todas as tarefas das Faculdades, encaminhadas no sentido de ministrar ao aluno, durante longos anos, como enfrentar as enfermidades.

Ora, a saúde e a enfermidade representam variações de um mesmo processo, qual seja, o da adaptação do homem em seu ambiente natural em busca de um estado de equilíbrio com os fatores animados e inanimados

que permanentemente o estimulam. Assim como é indispensável para a vida normal o equilíbrio do homem com seu meio interno, também o é igualmente com o meio social.

A enfermidade resulta assim, um fenômeno dinâmico que só pode ser interpretado adequadamente em relação com o meio.

Esta concepção de saúde e de enfermidade como expressões de um mesmo fenômeno, justifica a orientação da medicina moderna, e portanto, o da educação médica no sentido da integração dos conceitos de cura e prevenção.

Acreditamos que o ensino médico jamais poderá estar desvinculado das exigências e dos avanços do mundo de hoje. Os progressos das ciências biológicas, da tecnologia, e da indústria, impõem à Medicina, a responsabilidade da preservação da saúde dos que movimentam a economia do país e deste fato decorre toda a necessidade de serem encarados com a maior objetividade nossos programas de ensino.

Os métodos tradicionais até agora, formaram, em geral, médicos individualistas e sem uma visão integral do paciente e de seu meio, não vindo, portanto, cumprir as reais finalidades da atuação profissional comunitária.

Acreditamos, finalmente que somente com a introdução de programas de Medicina Preventiva, tais finalidades poderiam ser atingidas através de um processo intensamente renovador.

O mestre é o segundo pai. Como tal, exerce profunda influência na formação da juventude. O jovem precisa dar forma aos seus conceitos, desenvolver suas idéias e seus princípios. Nestes aspectos da formação, o mestre pode representar um incentivo tremendamente benéfico. Quando ele se omite de formar limitando-se a informar, deixa de ser o mestre para tornar-se um noticiário. Daí haver uma grande necessidade de entrosamento entre o docente e o discente. Um depende do outro e tem vida em função do outro. Formam uma unidade orgânica, donde quem se beneficia é sempre a sociedade. Só assim o mestre atinge sua finalidade e o aluno principia a percorrer seu caminho verdadeiro.

Quando ocorre a dissociação mestre-aluno, algo está errado, a meta não foi atingida. E o que se observa mais comumente hoje, é exatamente o aspecto negativo, a desunião, o desmembramento daquilo que seria para a sociedade o conjunto propulsor de seu progresso. Quais seriam as razões disto?

O ponto crítico da desunião é a falta de diálogo professor-aluno. O diálogo esclarece idéias falsas, converge ânimos, une ideais. O diálogo abre janelas onde o monólogo levanta paredes. Escancara as portas onde o monólogo constrói barricadas.

Analiseemos um fato concreto, ocorrido em nossa faculdade.

No dia 9 de setembro, os alunos começaram no Centro Acadêmico, uma feira de livros, com a preocupação de facilitar a aquisição dos mesmos, cujos temas sociais têm interesse atual, uma vez que o que nos preocupa hoje, é a sociedade em que vivemos. Alguém mal

Apêlo ao Mestre

Fausto Carneiro

informado, julgando que os títulos eram subversivos, telefonou ao DOPS, demonstrando um zelo democrático intenso, porém mal orientado, tendo em vista que os livros nada encerravam de subversão. Com a chegada do DOPS, os alunos procuraram o apóio da escola, porém esta corroborou com a opinião de que eles estavam fazendo subversão. Ora este fato demonstra claramente a prevenção com que a escola trata uma iniciativa dos alunos. Os livros foram liberados, a feira continuou, restando entre os alunos e a escola uma gôta a mais nas águas que os separam.

Do mesmo modo como a escola se preocupa com a democracia, os estudantes preocupam-se com a cultura. Não há democracia sem cultura. Portanto ambos convergem para um mesmo ponto. Por que então a divergência, a desconfiança? Somente a ausência do diálogo pode explicar.

Pontos de vista diversos não levam necessariamente à discórdia. Cuidando do assunto em nível cultural superior, eles se complementam, se enriquecem, quando colocados frente uns aos outros.

Professor e estudante estão voltados para a sociedade. Porém, com visões diferentes desta, com as quais se lançam ao trabalho. E neste trabalho comum, o de construir a sociedade, as divergências criam obstáculos. É necessário dialogar, e não se entender porque temer o diálogo.

Acaso os professores não confiam em sua maneira de pensar? Acaso os estudantes já descreeram da cooperação que podem receber dos professores, transpostas algumas barreiras?

A idéia de que estudante é para estudar nasceu com a primeira escola. Atualmente ela ainda é válida, porém, no Brasil, ela implica em encargos mais pesados e de muito maior responsabilidade que o de dedicar-se exclusivamente ao estudo. Num país onde o analfabetismo permite injustiças, a política comum entrava a marcha da emancipação, a fome, a miséria, a doença andam por toda a parte e a ignorância penetra até na universidade, é impossível à juventude estudantil acovardar-se atrás dos livros.

A preocupação política do estudante é talvez o fator que cria o maior obstáculo à aproximação discente-docente. Não se entende o ensino, quer seja de nível superior, quer de nível técnico, desvinculado da sociedade. O fim último da universidade é proporcionar a ascensão do homem. É este o ideal dos mestres e dos estudantes. Hoje, este ideal é cumprido por ambos, trilhando caminhos diferentes. A convergência destes caminhos, unindo esforços, beneficiaria a comunidade. O diálogo mestre-aluno, faria convergir os caminhos. Nós os que estudamos desejamos o diálogo. Apelamos aos mestres, para que não nos deixem falando sozinho.

MARTINI

e suas grandes marcas internacionais

MARTINI

BOOTH'S Dry Gin

COMET

VODKA ERISTOW

GAYON DE LAURENCE

HALLMARK

RHUM NEGRO

Queen's Crown

Raphaël

Le Sica

...Verde ...Branco

GEORGINO

Não que me preocupasse; talvez me desvanecesse; ou me levasse à distorção da natureza real do que transportava, com finas mãos, românticas mãos, ao espetáculo triste e prazeroso da paisagem campestre, onde o rio se alastra se muito não corre, e tudo em volta é verde e branco — o branco das nuvens...

Não se foge de imaginar tudo isso num dia escuro, frio, opaco e sem detalhes de ânimo, num verde moribundo de esperança... Ora! que venha o chuvisco!... e chuvisca! Cheguei à impertinência. Soube que trovões foram ouvidos. E vinham lá de cima completar o

DR. TRIESTE SMANIO
CIRURGIA GERAL
Consultório e residência:
R. 24 de Maio, 247 7.º andar — Fones: 34-6765 e 34-9641

DR. LUIZ GUSTAVO WERTHEIMER
Docente Livre de FMUSP — Professor catedrático da Faculdade de Medicina de Sorocaba
ORTOPEDIA E TRAUMATOLOGIA
Cons.: Av. Angélica, 2754 — Fones: 52-9808 e 52-0808
Resid.: R. Benedito Chaves, 153 — Fone: 8 8123

DR. DOMINGOS ANDREUCCI
Docente Livre de Clínica Obstétrica da FMUSP
Cons.: R. Xavier de Toledo, 210 — 6.º andar — Conj. 61
Fones: 34-2919 e 31-2529

quadro úmido — novo prazer tétrico — incostância).
A água corria. Naquela penumbra de um sábado vazio. O rio vinha de cá para lá, pulando manchas brancas; manchas maiores, também apressadas, esparceiradas, tateando o verde, desprezando o rio.
Manchas fantasmas! não chegando ao temor de um raio

que possa atingi-los e enegrecer a penumbra. São fantasmas buscando a nobreza do escarlate... respingos nobres do escarlate! Escapam sempre. Não serão atingidos por descargas do demônio — têm para-raios...
... e o rio chegou a meus pés. Larguei um sorriso vazio de senso para os funcionários que lavavam o corredor do CAOC...

FEIRA DE LIVROS ACUSADA DE SUBVERSÃO

Dops Recolhe Livros e Depois Devolve.

No dia 9 deste mês a Biblioteca do CAOC iniciou uma feira de livros, com a finalidade de facilitar ao acadêmico, a aquisição de obras de atual valor cultural, preocupada que está, com a cultura em nosso meio.

Uma conceituada editora, forneceu à biblioteca os livros em consignação, garantindo-nos que os mesmos já haviam sido liberados pelo DOPS. Pouco tempo após o início da feira, aparece em nosso Centro Acadêmico um sargento do Exército, chamado pela escola. Este veio, viu e não gostou. Foi da feira à biblioteca e de lá retirou uma revista chinesa, a qual continua chegando, mesmo após a revolução, não sabemos porque motivo. A seguir, o sargento chamou um investigador do DOPS. Este chegou prontamente e o sargento mandou-o recolher os livros subversivos da feira. Alegando que só poderia receber ordens do DOPS, o investigador telefonou para seu superior, um delegado, pedindo instruções. Este último, mandou que fossem apreendidos todos os livros considerados subversivos encontrados na feira da biblioteca. O sargento foi embora, o delegado ficou esperando e o investigador entrou em ação. Para que se resolvesse logo o caso, fomos à diretoria da escola. Relatamos os fatos e demos a relação dos livros da feira. Recebemos em resposta que resolvêssemos por nós próprios o problema que havíamos criado. Confiantes em que nada devíamos temer retiramos em regresso ao CAOC. A seguir, oferecemos a feira para que o investigador fizesse seu trabalho. Ele apreendeu 18 volumes da feira e 9 da biblioteca.

Feitas as apreensões, elaborou-se uma lista dos livros, para controle da biblioteca, operação que consumiu bastante tempo. Nesse interim, telefonamos para o diretor da editora pedindo esclarecimentos a respeito da subversividade dos livros. Afirmou-nos e ao investigador do DOPS que os mesmos nada tinham de subversão. Porém o investigador ponderou que cumpriria as

ordens recebidas. Ao mesmo tempo, o delegado do DOPS recebeu um telefonema de um médico da Faculdade, relatando que o investigador havia sido sequestrado pelos alunos. Ciente disto, o delegado iria preparar uma tropa de choque, para recuperar o investigador sequestrado pelos alunos, quando recebeu telefonema do diretor da editora, que há pouco havia falado com o investigador, e que tudo estava bem no CAOC. Sugeriu ainda a ele que telefonasse ao Centro e que falasse com o próprio investigador. Aceita a sugestão, telefonou para o pseudo sequestrado, viu que tudo estava bem, e pediu a ele que viesse ao DOPS com os livros e com os responsáveis por eles. Com sirene e tudo, fomos levados para lá; no DOPS notamos ao chegar, uma apreensão por parte do pessoal, com relação ao colega sequestrado. O delegado viu os livros, liberou-os, dizendo que alguns deles eram de sua leitura particular. Com exceção de um livro da biblioteca — Nós e a China — considerado doutrinário que lá se achava desde há muito, e de uma revista — China Ilustrada — que, segundo informação do delegado, continuava chegando a vários lugares, todos os outros foram liberados. Voltamos a seguir para o CAOC.

A feira prosseguiu ainda durante vários dias.

Neste episódio temos três fatos que merecem algum comentário. O primeiro, é a delação dos livros, que pode ter partido de um desconhecimento da matéria, ou então de um desejo de criar obstáculos à iniciativa dos alunos.

O segundo fato, que lamentamos bastante tenha ocorrido, foi a diretoria da escola ter dado apoio à delação sem constatar a veracidade da acusação.

O último fato, fruto de pura irresponsabilidade foi a delação de que os alunos haviam sequestrado o investigador. Isto poderia trazer ao CAOC uma tropa de choque do DOPS, e com ela, consequências imprevisíveis.

Deixamos para os colegas, que com suas próprias idéias completarem a análise deste evento.

REFORMAS

Alvaro Duarte

A agitação feita pelos comunistas nos países democratas, a guerra fria e o sucesso obtido traiçoeiramente pelos vermelhos em Cuba — encontrando como substrato uma sociedade desni-velada economicamente — levantou, na América Latina uma questão capital para sua liberdade: a das reformas.

Logo, alguns dos governantes e dos dirigentes do continente começaram a perceber que se não dessem, por bem — com liberdade e democracia — os mais necessários direitos pregados pelos socialistas extremistas, estariam apenas favorecendo e incentivando a ação agitadora e subversiva empreendida por eles em sua sedenta demanda ao poder. Contudo, a persistência de conservadores reacionários, que teimam em não entender este A B C tão simples, trouxe a inevitável dico-

tomia política. E viram-se os países Latino Americanos, exceptuados pelos que têm governo totalitário, como Paraguai e Cuba, envolvidos em uma acirrada luta ideológica.

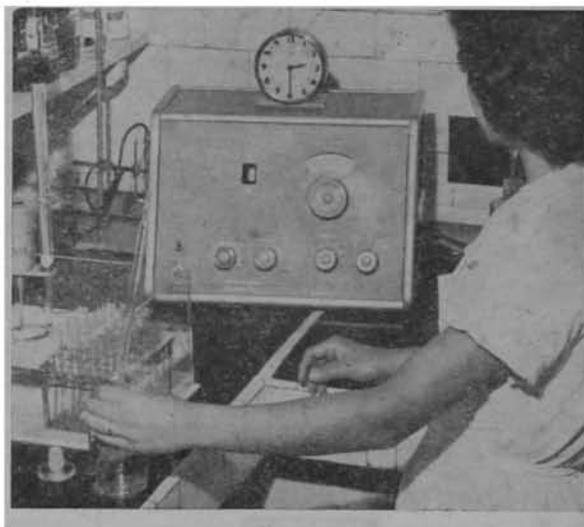
Foi o nosso povo quem primeiro viu ferver este caldeirão político e estabeleceu-se no poder um grupo revolucionário que se propunha banir do país os comunistas e simultaneamente, executar as reformas. Tal grupo, no entanto, apesar dessa demonstração plena de consciência do problema, vem, até agora se preocupando apenas com a repressão ao comunismo e ao peculato.

Alentadoras esperanças nos vem agora do Chile, aonde Eduardo Frei, reformista do partido democrata cristão chileno, derrotou fragorosamente em eleições livres, Salvador Allende. Este, extremista de esquerda, se propunha a le-

var o Chile ao comunismo por meio do voto livre, e provar, desta forma, a moderna tese do comunismo soviético de tomada do poder por via legal.

Frei, agora presidente eleito da república chilena, poderá realizar o programa por ele proposto quando ainda candidato, reformando, entre outras coisas, a agricultura e a economia de seu país. Note-se que, no Chile é particularmente importante uma reformulação econômica, posto que, lá, apenas duas companhias — a ANACONDA e a KENNECOTT — controlam a produção de 1/3 das reservas mundiais de cobre.

Neste turbilhão ficamos nós, brasileiros, a sonhar com um candidato que se proponha semelhantes realizações em próximas, ou talvez longínquas... eleições livres. Será isto possível?



É importante que a indústria brasileira faça pesquisa básica?



A pesquisa básica, embora não visando a resultados práticos imediatos, lança os fundamentos de conhecimentos que podem abrir novos rumos no desenvolvimento de técnicas e processos originais.

O Departamento Científico da Laborterapica-Bristol S. A. possui uma Divisão de Pesquisa Básica, trabalhando atualmente em fisiologia de microrganismos e em biossíntese de antibióticos. Os conhecimentos básicos ali adquiridos serão de fundamental importância no desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil. Além disso, essa célula de pesquisa básica cria oportunidades para que os nossos cientistas e técnicos ali «vivam» os conhecimentos adquiridos em nossas universidades, e para que novos técnicos e novos cientistas sejam formados.



Horácio César Piazzo

O aluno ao entrar na Faculdade de Medicina nada encontra que o oriente na sua formação médica, recebendo um ensino ministrado por cadeiras isoladas, que se ignoram. A estrutura atual do nosso curso médico resulta no preparo de um profissional incapaz de abordar o paciente como um todo, acentuando assim o aspecto orgânico em detrimento do psíquico, o curativo em detrimento do preventivo. Desta forma com a tendência da medicina moderna para uma tecnologia impessoal, não é devidamente valorizada para o aluno a relação médico-paciente, diminuindo de muito a eficiência do profissional como fator de promoção humana.

Agravando a situação apontada temos que reconhecer a mentalidade altamente individualista com que o futuro médico encara a sua posição na sociedade que está pagando o seu curso e para a qual ele tem e terá o dever de voltar as suas vistas.

É necessário ainda assinalar o grave prejuízo que causa à nossa formação o pequeno número de professores da Faculdade em regime de dedicação integral, sem dúvida fator decisivo para uma melhoria do padrão de ensino e para uma maior fecundidade das pesquisas médicas brasileiras.

Quanto ao ensino da Medicina Preventiva na FMUSP, sentimos falhas graves e particulares decorrentes da orientação acima referida. Os alunos tem seu curso de Medicina Preventiva durante o 5.º ano, com duas aulas semanais e para as quais não tem motivação alguma; esta ausência de interesse é uma consequência atual dos erros com que o ensino é conduzido nas séries anteriores. Assinalemos aqui o pequeno resultado alcançado pelos encarregados do atual curso de Medicina Preventiva, apesar do grande interesse e esforço que mostram ao ministrar seus preciosos ensinamentos. Durante este curso ensinam-se coisas de que o aluno necessita já desde os primeiros anos, como por exemplo, antropologia

cultural. É fato que outras cadeiras, algumas vezes, mostram ao aluno aspectos da prevenção da doença em foco, mas na realidade isso quase nada adianta porque não dão o devido realce.

De acordo com o Seminário de Medicina Preventiva realizado em Téhucan, o ensino médico deveria formar profissionais capacitados à:

1) Assumir a responsabilidade da saúde integral do homem no plano individual e coletivo, orientado em bases científicas e segundo as normas éticas da profissão.

2) Identificar, tratar e prevenir as enfermidades manter e promover a saúde física e mental dos indivíduos da família e da comunidade.

3) Conhecer e colaborar na solução dos problemas de seu meio.



4) Formar uma consciência profissional que o leve a proceder com a mesma eficiência e a mesma atitude humanitária com todos os pacientes sem discriminação alguma.

5) Manter-se continuamente informado dos avanços de sua profissão e contribuir para o progresso da medicina.

Tendo em vista tais objetivos, o Departamento de Medicina Preventiva do CAOC analisando a situação atual do ensino na FMUSP e continuando

esforços de gerações anteriores, realizou reuniões semanais com a participação de assistentes e ex-alunos e programou a sua contribuição para reformulação de curso.

Em nossas atividades tivemos a preocupação de colaborar na formação de uma atitude preventiva dos alunos através de conferências, artigos no BISTURI, reorganização das Ligas e do Centro de Saúde do MUD na Favela do Tatuapé e principalmente através da elaboração de um programa de Medicina Preventiva para nossa Faculdade, que será brevemente divulgado. Para tanto, estudamos o relatório de alguns Seminários sobre ensino de Medicina Preventiva e Curriculum de várias Faculdades de Medicina e chegamos às seguintes conclusões:

O Departamento de Medicina Preventiva da FMUSP deve ser constituído a fim de que dê uma diretriz ao ensino

médico através da mudança da mentalidade das outras cadeiras e da discussão dos problemas de ensino na Congregação. Seu ensino deve ser ministrado ao longo de todo o curso e integrado às demais cadeiras da Faculdade; deve motivar os alunos para a realidade Médico-Social brasileira através de uma atuação prática junto ao indivíduo, à família e à comunidade.

Resumindo, o ideal que se deseja alcançar é o da **MEDICINA INTEGRAL**.

Especulação nas favelas

O Movimento Universitário de Desfavelamento em seus três anos de trabalho nas favelas do Vergueiro e da Moóca (esta hoje extinta) tem se defrontado com graves problemas jurídicos, e principalmente humanos, causados pela ganância de pessoas especuladoras, que se aproveitam da boa-fé e ignorância do favelado, figura ainda mal vista e mal compreendida pela nossa sociedade que, nele vê apenas o marginal e não um elemento pertencente a essa mesma sociedade e vítima de uma estrutura sócio-econômica falha.

Vê-se agora o MUD às voltas com os mesmos problemas em seu trabalho onde indivíduos inescrupulosos, encorajados e apoiados numa ordem social defeituosa, vêm criando um clima de tensão e desassossego.

Como foi amplamente divulgado nas últimas semanas pela imprensa falada e escrita, pessoas que se intitulam "donos" das terras e que, provavelmente, não passam de grileiros, estão forçando os moradores a transferirem seus barracos para um local que não lhes oferece a mínima garantia de permanência, vendo-se na iminência de se encontrarem repentinamente ao desabrigo, pois não têm ainda neste local o tempo de permanência que lhes garanta o direito de posse.

Desde o início desse episódio o MUD esteve lutando ao lado dos favelados, recorrendo aos meios legais cabíveis, tendo, inclusive, ganho uma liminar de interdito proibitório que não foi respeitada, em evidente desacato às leis constituídas.

Apelamos para várias autoridades entre as quais o Secretário da Segurança Pública, o Delegado Titular da Zona Leste, a Comissão de Assistência Social da Assembléia Legislativa, obtendo deles sempre elogios ao nosso trabalho e promessas traçadas em ações cujos resultados foram ineficazes.

Esses fatos vividos pelo

MUD em seu contato direto com a realidade vêm mostrar as falhas da estrutura urbana, econômica, jurídica de nosso país.

Como é possível que numa cidade como São Paulo, "a cidade que mais cresce no mundo", existam áreas altamente urbanizadas a poucos minutos do centro, totalmente inaproveitadas, sendo por isso altamente onerosas aos cofres públicos?

Como é possível que áreas como essas estejam em litígio há mais de oitenta anos, quando se sabe que temos no país um déficit habitacional de 18 milhões de casas?

Como é possível que apesar de promessas de providências feitas por várias autoridades policiais, os favelados continuem sendo explorados e ameaçados permanecendo os gananciosos indiferentes à presença dos representantes dessas autoridades?

Como é possível que pessoas baseadas apenas no poder econômico possam, além de desprezar as nossas autoridades, agir livremente, não tomando conhecimento das implicações humanas e sociais de seus atos, dando vazão somente às suas ambições desmedidas?

Como é possível que numa área de 10.000m² desocupada inclusive através de medidas policiais que lançaram ao desabrigo 98 famílias em abril de 1962 na favela do Vergueiro continue até hoje desocupada?

Não acontecerá o mesmo aos 4.000m² até há pouco ocupada pela favela da Moóca? Não ficará essa área também inaproveitada por longos anos, pesando aos cofres públicos? Não será um convite ao aparecimento de uma nova favela?

Credenciados pela vivência do problema através dos nossos 3 anos de trabalho em contato direto com a realidade, sentimos-nos uma força viva da comunidade que num regime autêntico de Democracia, reclama dos poderes competentes medidas tais como as que nos permitiríamos sugerir em próximo artigo a respeito do mesmo assunto.

ALBINO E A XXX MAC-MED

Tôda vez que se falar da XXX MAC-MED, nada poderá ser dito sem antes lembrar de Albino. Nestes trinta anos de competições, muitos foram os que vibraram com a MAC-MED e a acompanharam com ânimo e dedicação quase religiosos — estudantes antigos, hoje médicos, engenheiros e professores, e os estudantes atuais. No entanto todos passavam; um só homem permanecia sempre presente ao longo de tôda a vida da competição; Albino se incorporava a ela e se fazia, sem que ninguém percebesse, nem mesmo ele, membro permanente e oficial da MAC-MED. Cada ano, em cada uma das disputas, lá estava ele, junto à torcida da MED; sua idade e seu aspecto invulgar o distinguíam notavelmente da rapaziada, mas a ela se identificava plenamente, porque sempre torcia, a seu modo, e nunca esquecia de revestir-se com a camisa da MED.

Em todos êstes anos, muitas foram as derrotas da MED. Entretanto como muito bem falou um dos nossos colegas, no momento do sepultamento de Albino, "nunca fomos tão fragorosamente derrotados na MAC-MED, como pela sua morte".

Agora a Atlética será muito diferente; é difícil imaginar que se possa estar lá e não ver Albino. É quase impossível acreditar que alguém possa passar pela FMUSP sem conhecer Albino, como acontecerá com as próximas turmas. O dia 24 de setembro de 1964 divide a vida da Atlética

— o período "com Albino e o período depois de Albino". E neste, só pela imaginação poderemos ver o Português, com seu aspecto todo próprio, seu modo de olhar e linguagem, respondendo às provocações. E no entanto, o que se passaria dentro daquele homem, atrás de seu modo rude e emburrado? Poderia alguém pensar que neste modo de ser, não haveria uma afetividade incomum pela rapaziada, pela Atlética, pela Faculdade? Uma afetividade sem qualquer artifício, sem maneirismos, sem falsidade; uma afetividade realmente autêntica — um alto grau de autenticidade. Felizes nos deveremos sentir, principalmente os que puderam chegar até à intimidade com Albino, porque raramente conseguiremos ter relações tão verdadeiras. E certamente Albino também era feliz.

Sua morte fez parar a MAC-MED, a Faculdade de Medicina e o Centro Acadêmico. Estudantes, professores e médicos reverenciaram Albino. Seu sepultamento foi o de um membro ilustre da FMUSP, pois realmente o era. Um professor nessa ocasião falou em nome da Congregação da Faculdade; um médico-residente em nome dos alunos e outro médico quis falar a Albino tudo o que sempre desejou falar-lhe e no modo que ele gostava: "Ó Português! Que gozação é essa? Que graça vai ter a gente ir para a Atlética agora?...". não falou tudo, acabou chorando e fez também muita gente chorar.

Albino morreu durante a XXX MAC-MED. Também nesta participou. Desde a primeira, quando emprestou seu revolver para o tiro de partida na prova de atletismo, sempre esteve presente. E continuará presente, pois dêle guardaremos o cachimbo, o chapéu velho, o revolver, seu nome e busto na Atlética e, sobretudo, a imagem viva de um homem invulgar.

★

A morte de Albino foi a grande derrota da MED na contundente derrota esportiva desta XXX MAC-MED.

A competição mais antiga e tradicional do esporte universitário da América Latina, no seu trigésimo ano recebeu atenção especial da comissão organizadora, no sentido de alcançar um brilhantismo especial.

A tradicional passeata saiu pelo centro da cidade, anunciando a MAC-MED e interrompendo o trânsito, com a participação de automóveis do início do século. E como novidade, a 21 de setembro, em plena competição, fez-se realizar no Teatro da FMUSP um desfile de modas. Uma banda de 180 componentes iria coroar as festividades, participando da passeata e da solenidade de abertura: a Banda Marcial da Marinha de Guerra do Brasil, que por determinação do Ministro da Marinha viria a São Paulo, o que não foi possível pela impossibilidade total da obtenção de alojamento.

Veio então o verdadeiro largo da MAC-MED, o início para a conquista da hegemonia esportiva no ano de 1964: ATLETISMO, no dia 19 de setembro. Começamos bem; após algumas horas, em que se sucederam provas de pista, saltos e lançamentos, com a vantagem em pontos oscilando continuamente entre as equipes rivais, chegou-se ao revezamento 4 x 400 metros, última prova, em que a vitória iria determinar também a vitória final na competição. Batendo o recorde da prova, a turma da MED, formada por Araujo, Gonçalves, Cavalcanti e Euripedes, cruzou primeiro a linha de chegada, conduzindo nossa equipe à vitória geral pela contagem de 301 pontos a 274. Novamente se viu premiado o esforço e dedicação da equipe de atletismo notadamente daqueles que a dirigem e a incentivam, em vista do programa sério, longo e paciente de treinamento da turma de atletas.

Entretanto, nova vitória somente viemos a conhecer no último dia da competição, 21 de setembro, quando nossa equipe de Beisebol, após estar sendo derrotada por 3 a 0, conseguiu dura reação, chegando ao final com a vitória de 8 a 5, mantendo intacta a invencibilidade da MED, desde 1958, quando Beisebol foi introduzido na MAC-MED. Um desempenho novamente bom em xadrez, determinou o empate de 2 a 2, estendendo para êste ano a recuperação havida no ano passado. E foi só.

As competições de polo-aquático e judô (extra-oficial) não foram realizadas, em virtude do falecimento de Albino, o Mackensie venceu 7 das 10 competições realizadas, com a contagem geral de 7,5 a 2,5 sendo o seguinte o balanço final da XXX MAC-MED:

Atletismo MED - 301 a 274
Remo MAC - 3 a 2
Xadrez EMPATE 2 a 2
Futebol MAC 1 a 0
Natação MAC 163,5 a 137,5
Voleibol MAC 3 a 1
Tênis MAC - 5 a 0
Basquete MAC 83 a 60
Beisebol MED 8 a 5
Futebol de Salão MAC 6 a 1

O MAC obteve vitórias brilhantes, que realmente consagraram sua 21.ª vitória na MAC-MED: 6 a 1 sobre nossa cotada equipe de Futebol de Salão; a vitória em remo, derrubando a hegemonia de 3 anos da MED; e após 10 anos de derrotas, a vitória em natação. Desde 1955 não perdíamos esta competição.

Resta esperar o próximo ano. Quem sabe seja possível revigorar, ou então renascer o interesse de reconduzir à vitória o nome da MEDICINA. Neste ano também a PAULI-MED perdemos... É trabalho de dedicação, doação. E também de algum sacrifício. E a Atlética merece a colaboração de todos, já que todos são objetos dos privilégios que, também no esporte, são ofertados pelo ingresso nesta Faculdade de Medicina. É competência dos que dirigem o esporte, dos que o animam. E também de todos os outros alunos...

O ESPIRITISMO E OS EVANGELHOS

CECILIO ROQUE

É o Espiritismo uma religião cristã? Será êle anterior ou posterior ao Cristianismo?

Essas perguntas surgem frequentemente àqueles que não puderam ainda se interar das origens do Espiritismo.

Na verdade, os fenômenos espíritos, como comunicação com espíritos, aparições, e outros, sempre existiram, antes mesmo do Cristianismo. Porém, fenômenos espíritos não significam Espiritismo.

Este nasceu há pouco mais de um século, quando um médico

francês chamado Léon Hippolyte Denizard Rivail, estudando fenômenos ditos paranormais, publicou uma obra e que deu o nome de "O Livro dos Espíritos". Pode-se dizer que essa publicação contém os fundamentos da doutrina trazida pelos espíritos.

Allan Kardec foi o pseudônimo utilizado pelo médico em tôdas as obras que escreveu sobre o Espiritismo, e pelo qual é conhecido hoje como fundador dessa nova religião.

Além de médico, Allan Kardec era poliglota (falava correntemente inglês, alemão, espanhol, italiano e o francês), autor de vários livros didáticos utilizados então. Foi conhecido também como discípulo de Pestalozzi — um dos precursores da pedagogia social.

Depois de "O Livro dos Espíritos", Allan Kardec publicou também: "O Livro dos Médiuns", "O Evangelho Segundo o Espiritismo", "O Céu e o Inferno", "A Gênese", "A Prece", "O que é o Espiritismo?", "O Princípio Espírita", e "Obras Póstumas".

Impossível comentar num artigo breve como êste o conteúdo de tôdas essas obras. Entretanto, faremos referências a "O Evangelho Segundo o Espiritismo", pois neste ano é comemorado o centenário de sua publicação.

É através de interpretação dos evangelhos à luz da nascente

doutrina revelada pelos espíritos, que Allan Kardec consagra o Espiritismo como religião cristã.

Apesar de os evangelhos serem claros nos seus fundamentos, que são a prática da fraternidade humana, algumas partes, todavia, são evidentemente, interpretada pelo Espiritismo de maneira diversa das outras religiões cristãs.

Assim, o Espiritismo admite a reencarnação (possibilidade de, depois da morte, haver o renascimento em corpo humano). Fazendo-se a justiça e a evolução humana, considerada ontologicamente, através da oportunidade que tem a criatura de reviver suas experiências, o Espiritismo não admite a existência do inferno. Felicidade ou infelicidade resultam diretamente dos atos do homem, de sua capacidade ou incapacidade de fazer o bem, de

amar ao próximo, e nunca têm como característica a eternidade.

Mas, o "Evangelho Segundo o Espiritismo" não é apenas um conjunto de idéias filosóficas a respeito do destino do ser humano após a morte.

Acima de tudo, é Cristianismo vivo, com os preceitos de fraternidade, de solidariedade humana, de amor ao próximo e a Deus. É o evangelho que traz a mensagem de humildade exemplificada pelo Cristo ao nascer numa estrebaria simples, sem honras, sem dinheiro, sem séculos.

No mês de abril de 1964, comemorou-se o centenário da publicação dessa obra espírita.

Escrita para trazer com mais detalhes e interpretações novas a mensagem cristã, é através dela que os espíritos vêm proclamando há um século que "fora da caridade não há salvação".

MONDO CANE

Elizabeth Milan

Antes de fazer qualquer consideração referente ao filme, vou me ater por alguns instantes à conceituação do termo cultura, explicitando de que maneira ele aqui será empregado.

Esse ponto chave dos estudos antropológicos tem um significado muito diverso daquele que lhe é vulgarmente atribuído. O sentido científico aproxima-se mais do sentido original da palavra que é derivada do verbo latino colere e do substantivo cultus, que significam respectivamente instruir e instrução.

Dentre as várias definições dos antropólogos modernos a que me parece mais completa é a de Ralph Linton. Para ele, cultura é a soma dos conhecimentos, atitudes e padrões habituais de comportamento, compartilhados e transmitidos pelos membros de uma sociedade. Como percebemos, esta definição engloba todas as atividades do indivíduo, sejam elas manifestas ou encobertas, físicas ou psíquicas.

Em última análise, de maneira mais vaga, cultura seria a herança social de uma sociedade.

Toda cultura encerra uma série de padrões sobre os quais versa o comportamento individual. A esses padrões damos o nome de padrões culturais.

O título do comentário que segue vem a propósito do filme "Mondo Cane" que esteve em exibição recentemente.

Trata-se de uma película com relevante mensagem antropológica, feita com inteligência e perspicácia notáveis.

É um documentário que focaliza aspectos culturais diversos, cotejando os comportamentos antagônicos das diversas culturas em face de um mesmo problema.

Pode observar e ouvir várias manifestações de espanto. O espectador, que é um indivíduo integrado numa determinada sociedade, que vive se-

gundo os padrões do sistema social adotado pela mesma, e desconhece, via de regra, certos traços pertinentes às outras instituições sociais, tende naturalmente, a aceitar como válidas apenas as verdades da civilização ocidental, por isso fica atônito, perplexo.

O problema das contradições internas dos sistemas culturais em que a estrutura vigente estabelecida pelos padrões chocou-se brutalmente com a inclinação natural do indivíduo é focalizado várias vezes.

Assim, por exemplo, na cena da Sexta Feira da Paixão na Calábria, em que os jovens do local sangram as pernas com cacos de vidro, numa atitude autodestruidora, faz-se notar claramente a situação conflitiva que se estabelece para o indivíduo que tem, por um lado necessidade de ser aprovado pelos companheiros, mas por outro é inclinado a não aceitar aquela prática.

Diante desse conflito, o homem busca a solução que lhe parece mais adequada, a que traz menos problemas, reprime-se. É preferível, é menos doloroso magoar o físico, que ter poluída a reputação. A aprovação dos demais se impõe como determinante da existência e perpetuação do padrão.

Ora, o absurdo reside não na escolha que o jovem calabrés adota, mas na complexação desnecessária da cultura, que resulta num prejuízo real para os seus membros.

Mas não é preciso ir muito longe para perceber que a enculturação não é senão um condicionamento contínuo à auto-repressão. A vida do ocidental é toda ela regida por obrigações formais. Cada meio passo nos força a um salama-leque.

A falta de bom senso inserida em certos aspectos do complexo cultural, nos leva a concluir que a cultura tem sido desenvolvida como um fim em

si mesmo. É curioso notar e o filme mostra muito bem isto, como o meio físico condiciona a cultura e vice-versa.

Existe mesmo um certo determinismo do habitat concorrendo para configurar o comportamento de grupos e indivíduos.

Os pescadores de tubarão na sua luta árdua pela existência desempenhando sua função sem os meios técnicos adequados, são vítimas do meio hostil, que não só lhes oferece poucas oportunidades de sobrevivência, mas age escarnando-lhes o corpo. Por aí se vê como o habitat é restritivo, estabelece limites dentro dos quais o comportamento, a atuação dos indivíduos tem de operar.

O fenômeno da difusão cultural também é sugerido. Os estudos comparativos das diversas culturas têm revelado que as suas manifestações expressas podem sempre ser estendidas às outras.

Assim, no momento em que os turistas descem no Havai e entram em contato com o Hula, dança nativa, está se processando talvez a integração desse elemento na cultura dos mesmos turistas.

A todo momento se faz sentir a influência maléfica do homem branco na vida dos povos primitivos e mesmo na dos animais.

Cena enormemente cruel é a das tartarugas que vão chocar em ilhas contaminadas pela radioatividade. O efeito dessas radiações fá-las perder a tramontana, de modo que elas se desorientam completamente e acabam depois de um esforço vão, em que todas as suas tentativas se revelam improficuas, desfalecidas no areal.

Não menos cruel é o desequilíbrio que advém do contato entre uma sociedade primitiva e uma cuja emancipação cultural já se verificou. No filme esse desequilíbrio emocional redonda no culto ao avião.

No seu desenrolar, o documentário se detém por alguns instantes em originalidades da civilização de povos distantes como por exemplo, o culto ao ancestral na China, a caça ao homem, prática das mulheres da Nova Guiné.

É em torno dessa idéia central que o "Mondo Cane", cruel, diversificado, agonizante, gira num todo organizado.

Confissões de um homem casado

C. A. RODRIGUES ALVES

O filme é de Truffaut e de Cayatte. A história, no final das contas, é a de um casamento fracassado entre jovens. Na realidade, entretanto, este palco serve para introduzir um problema social e filosófico (muito mais o segundo que o primeiro) com o qual a humanidade sempre se defrontou e se defronta, muito mais agora neste nosso século.

Quase todos os personagens se vêem diante desta situação, ou seja, aquela em que passam a observar a existência como se ela estivesse num palco e eles numa platéia até o momento em que sentem a irrealidade das suas situações de assistentes, percebendo a necessidade de fazer alguma coisa. E o que fazer?

Desde que um ser humano mergulhe naquele problema, ele pode optar por alguns caminhos: escolher um ideal, permanecer atônito diante do que presencia, afundar no nada, perder-se, ou escolher uma solução falsa como máscara.

Dos personagens mais importantes do filme quase todos se deparam com o mesmo problema citado, Jean Marc o herói, a mãe e uma antiga namorada, exceptuando-se a esposa que não chega a instalar-se na situação explicada.

Assim sendo, vemos Jean-Marc escolher o primeiro caminho, passar por uma série de reveses para manter os ideais, desiste do casamento e fica com um deles; a antiga namorada permanece atônita diante do pal-

co e é forçada a enfrentar todas as implicações de angústia que esta situação lhe traz; afinal aparece um canadense que lhe oferece uma mina de manganês nas Rochosas; a esta esperança a moça se agarra e se entrega. A mãe escolhe uma situação falsa para mascarar a realidade que se torna tão agitante, impondo a verdade: a mulher se desespera e morre.

Estas questões são as mais importantes do filme, mas muitas outras são interessantes e válidas já que são problemas humanos.

Depois das duas horas habituais a sessão termina e do cinema saem pessoas que passam a ver a rua de outra forma.

O QUE NÃO PODE SER ESQUECIDO

MARIA ZÉLIA

lições que o tempo, a vida, a família, a escola ensinam; lições nascidas de conversas mútuas, de noites sem dormir, quando alguém precisava ser ouvido; lições de histórias antigas, de cantigas de dormir; lições que recebemos e temos que pagar a vida toda.

lições de autenticidade, de coerência, coragem de ser; lições que forjaram o caráter, a personalidade, o eu e que agora resultam em esforço supremo pois são postas a prova.

lições que não podem ser esquecidas para que não morra a esperança de um mundo melhor.

HIROSHIMA 64

Fábio Herrmann

1. CANÇÃO DA ESPERA

No lodo primitivo,
na gota de água,
no feto carvão,
tu esperavas a hora de ser.
Na asa da borboleta,
no fígado do brontossauro,
no Homem de Hidelberg,
tu esperavas a hora de ser;
mesozóico e pliocênico,
clima quente e clima frio,
nas asas da borboleta,
tu esperavas a hora de ser.
No ferro bronze e madeira,
e mais no que te criou;
Wandjak e Broken Hill,
tu esperavas a hora de ser.
Na gota da água,
no feto carvão,
no feto de homem
tu esperavas a hora de ser,
tu espreitavas a hora de ser.
Braços que se adivinhavam moinhos
ventando pra todos os lados;
braços compridos, tocados ontologicamente,
braços que não de ser,
Agarrando e, com surpresa de criança
vendo a teia bonita se desmanchar.
braços que não de ser.
Tigre de sabre no dente
prepara o bote
escondido por não ser, ainda.
Na dança dos sacrifícios,
adivinhado sutilmente,
tu eras o objeto
bebendo sangue ainda quente
.....
No tigre dente de sabre,
no homem e no seu sabre,
e em coisas que não se sabe,
tu esperavas a hora de ser.

MUD NO TATUAPÉ: — PLANO DE SAÚDE

I — HISTÓRICO

O Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", através de seus elementos que participam do Movimento Universitário de Desfavelamento (MUD), no setor de saúde na favela

rizados a dar ênfase no nosso trabalho à medicina preventiva, que procura considerar o paciente, na sua evolução como indivíduo e como membro da família e esta, da comunidade, e à educação sanitária, cons-

à Professora Ruth Sandoval e ao Prof. José Guedes, onde é notória a boa vontade que apresentam conosco, o espírito aberto, o diálogo e a movimentação a nós proporcionados, deixando patente também que o



do Tatuapé, tomaram consciência de que, para completa integração do seu trabalho nos objetivos deste movimento, não bastaria aos universitários de medicina proporcionar a simples assistência médica curativa ao favelado. Pois este ainda é vítima de uma estrutura sócio-econômica injusta, condicionando à sua miséria, analfabetismo, fome e o marginalismo desta população, que não pede esmola, mas exige justiça. E, especificamente no setor de saúde, também deveríamos sair do assistencialismo, do paliativo, para um trabalho que vise a promoção de saúde, preocupando-se para tanto, muito mais com a prevenção de doenças e a educação sanitária desta população, levando a pessoa humana a condições mais dignas da vida.

Mas como conseguiríamos isto se não há motivação do estudante na atual situação do ensino e da prática médica, onde a ênfase é principalmente na medicina curativa, em suas múltiplas especializações, que esquece a posição do doente na família e deste na comunidade, seus problemas emocionais, culturais, sociais, etc.?

Na base dos conhecimentos de que hoje dispomos, através da nossa vivência em trabalho na favela, que na realidade retrata o problema do nordeste brasileiro, na cidade que mais cresce no mundo, estamos auto-

cientizando toda a população da área de trabalho, do seu status sanitário, fazendo-os adquirir uma atitude preventiva e consequentemente, mudança de seus hábitos.

Será necessário também mostrar ao estudante, qual o lugar do médico na vida da comunidade. Mostrar que as sociedades sustentam as universidades, por que precisamos delas e não para que haja uma classe de privilegiados.

Pois raramente, com esta mentalidade e com este espírito de luta, através de uma ação conjunta dos diversos setores profissionais, da nossa universidade, conseguiremos a promoção social do favelado, integrando-o na nossa sociedade, não mais como marginal, mas como pessoa humana, pelo respeito ao que o homem tem de maior valor, a sua dignidade, arrancando-o deste absurdo social, a FAVELA.

Foi com este espírito, que formamos a equipe de planejamento do setor de saúde, através da participação de membros das diversas Escolas de Medicina (FMUSP, EPM, Santa Casa e Fac. de Sorocaba), enfermagem, farmácia e Serviço Social, sendo supervisionados por professores da Fac. de Higiene e Saúde Pública da U. S. P.

Correríamos o risco, ao citar nomes, de omitir alguns, mas gostaríamos de reconhecer a gratidão

entrosamento aluno-professor é possível e desejável. Com isto foi permitido à nossa população favelada ser atingida pelo nosso planejamento de saúde, que visa atingir a realidade deles e não nossa onde os frutos já estão sendo colhidos e a promoção de sua saúde já sendo uma realidade.

II — SUMÁRIO DO PLANO

1. — Objetivos
2. — Serviços:
 - a) Pré-natal
 - b) Clínica Infantil
 - c) Clínica Pré-Escolar e Escolar



- d) Clínica de Adulto
 - e) Puericultura
 - f) Higiene mental
3. — Serviços Auxiliares:
 - a) Secção de Enfermagem
 - b) Secção de Farmácia

- c) Secção de Laboratório
- d) Secção de Fichário
4. — Pessoal Necessário
5. — Definição de Funções:
 - a) Recepcionista
 - b) Atendente
 - c) Atendente Auxiliar
 - d) Médico
 - e) Educador (a)
 - f) Visitador (a) Domiciliar
 - g) Enfermeira (1. para exames complementares e laboratório; 2. para enfermagem propriamente dita; 3. para saúde pública).
 - h) Farmacêutica
 - i) Volante
 - j) Arquivista
 - k) Médico Chefe
 - l) Assesores.
6. — Programas:
 - a) Puericultura
 - b) Vacinação
 - c) Combate à sífilis
 - d) Atendimento infantil e de adulto
 - e) Verminose
 - f) Diagnóstico da doença de Chagas
 - g) Educação Sanitária
 - h) Saneamento
 - i) Visitas domiciliares
 - j) Farmácia Etc..

III — OBJETIVOS

1. — Geral — Ajudar o favelado a alcançar a saúde.
2. — Específicos:
 - a) Dar assistência mé-

JOAO YUNES

sim como de outros programas, fazendo-o adquirir uma atitude preventiva;

c) Preparar o favelado para o novo ambiente, orientando-o para se utilizar dos recursos médicos que a nova comunidade apresenta;

d) Orientar o favelado para os recursos curativos e preventivos que a comunidade já apresenta;

e) Limite de ação: o posto atenderá somente aos favelados da área que o planejamento geral do MUD já determinou, entrosando com outros programas em funcionamento, pois a comunidade apresenta recursos suficientes para atender à população da área não objetivada pelo MUD.

f) Motivar os alunos e profissionais para a medicina preventiva, uma vez que a sua formação universitária está quase que totalmente desvinculada de nossa realidade social;

g) Adaptar a assistência médica a realidade deles e não nossa, levando em conta traços culturais, medicina popular, preconceitos, etc.;

h) Encarar o favelado como pessoa humana e não como simples objeto de trabalho, respeitando suas opções;

i) Entrosamento com os recursos médicos do bairro e com os órgãos oficiais de saúde, para participação e colocação

dica aos favelados, encarando-a como um dos fatores da promoção humana;

b) Promoção de saúde dos favelados, não só através da medicina curativa, como principalmente da medicina preventiva, utilizando-se de educação sanitária, as-

mútua nos vários programas a serem desenvolvidos;

j) Desenvolver os vários programas de higiene e saúde de acordo com o planejamento geral, elaborado pela equipe de interprofissionais, especialistas nos diversos problemas.